

MATEMATIZAÇÃO DA NATUREZA, MUNDO DA VIDA E CRISE DA RAZÃO EM HUSSERL¹

Scheila Cristiane Thomé (UFRGS)^{2,3}
thome.scheila@gmail.com

Resumo: O objetivo central deste artigo é explicitar o aspecto subjetivo-relativo como sendo o constituinte essencial da estrutura do mundo da vida (*Lebenswelt*) na obra *A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental* de Husserl. Para tanto será analisado, num primeiro momento, em que consiste a crise das ciências europeias diagnosticada por Husserl e como se deu o processo de matematização da natureza que configura a orientação científica objetivista. Por fim, será possível analisar a estrutura subjetiva-relativa do mundo da vida compreendido como o solo da experiência intuível imediata.

Palavras-chave: mundo da vida, subjetivo-relativo, objetivismo.

INTRODUÇÃO

O presente artigo procura discutir e analisar alguns conceitos fundamentais presentes na obra tardia de Husserl *A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental* tomando como tese geral a ser defendida a compreensão de que o *mundo da vida* (*Lebenswelt*) é compreendido por Hus-

¹ Recebido: 20-05-2021/ Aceito: 06-07-2022/ Publicado on-line: 12-07-2022.

² É professora adjunta na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, RS, Brasil.

³ ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1451-6959>

serl como essencialmente uma estrutura *subjetivo-relativa*. Tal tematização e esclarecimento parecem serem pertinentes para afastar possíveis equívocos de interpretações que venham a encobrir o caráter *subjetivo-relativo* do mundo da vida expresso por Husserl em várias passagens de *Krisis*,⁴ tal como apresentaremos neste artigo. O que será apresentado e discutido é, portanto, a compreensão do mundo da vida como uma esfera “meramente relativa ao sujeito”, a compreensão de que o mundo da vida só é aquilo que é em sua referência à (em sua relação à) subjetividade. Procuraremos mostrar que o que Husserl expressa com esta compreensão é que o mundo da vida não pode ser compreendido como um *mundo em si*, como algo que teria uma existência separada e independente da subjetividade. Diferente disso, será mostrado que o mundo da vida é uma estrutura essencialmente *subjetiva e relativa* porquanto é o *solo (Boden)* da experiência intuitiva imediata sempre relativa a uma subjetividade que experiencia. Será também tematizado o caráter intersubjetivo do mundo da vida como horizonte de valores, fins e metas compartilhados intersubjetivamente. Neste sentido, a leitura que propomos vai ao encontro de outras interpretações como LUFT, 2011; MORAN, 2012; MOURA, 2001 e SACRINI, 2018 que também defendem que o caráter propriamente subjetivo-relativo caracteriza essencialmente a estrutura do *mundo da vida*.

Buscaremos também mostrar como uma adequada caracterização do *mundo da vida* e um adequado esclarecimen-

⁴ O termo *Krisis* será referido durante todo artigo ao título da obra de Husserl no original alemão *Die Krisis der europäischen Wissenschaften und die transzendente Phänomenologie* (traduzido para o português como *A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental*).

to sobre a estrutura subjetivo-relativa do *mundo da vida* contribuem para esclarecer o estatuto do idealismo transcendental fenomenológico husserliano. Como se sabe o idealismo transcendental fenomenológico de Husserl é apresentado em várias obras husserlianas a partir das *Ideias I* de 1913. A tese geral que expressa o que vem a ser o idealismo transcendental fenomenológico de Husserl é apresentada de um modo claro, por exemplo, em uma conhecida passagem das *Meditações cartesianas*: “todo sentido que se possa conceber, todo ser concebível, chame-se ele imanente ou transcendente, cai no domínio da subjetividade transcendental, enquanto constituinte de sentido e ser” (HUSSERL, 2013, p. 122; HUSSERL, 1950, p. 117). O que pretendemos defender aqui é que a compreensão do *mundo da vida* como o solo subjetivo-relativo da experiência intuível exposta em *Krisis* é plenamente compatível e fiel ao projeto husserliano de caracterização da sua fenomenologia como um idealismo transcendental fenomenológico.

Para realizarmos o objetivo proposto, a saber, de explicitação da esfera subjetiva-relativa do *mundo da vida* que permitirá compreender a inserção da descrição da estrutura do *mundo da vida* no interior do projeto husserliano da fenomenologia compreendida como um idealismo transcendental fenomenológico, será necessário primeiramente explicitar qual é o ponto de partida da descrição do *mundo da vida* feita por Husserl. Vê-se que esta descrição parte de uma distinção entre *mundo da vida* e mundo objetivo científico⁵. É tematizando o modo de proceder objetivista das ci-

⁵ O mundo objetivo científico é o mundo com o qual lidam as ciências positivas, o mundo consti-Cont.

ências objetivas que pretendem descolar do empreendimento científico o *mundo da vida*, o solo subjetivo-relativo do qual sempre parte toda atividade científica porquanto esse solo é um solo de evidências originárias fundantes da validade e da confirmação da realização objetiva científica. Para acompanharmos esse movimento empreendido por Husserl em *Krisis* faremos inicialmente uma análise e discussão sobre como Husserl apresenta o diagnóstico de uma radical crise das ciências europeias que revelará o que há de problemático no operar científico europeu, a saber, a orientação objetivista de tal operar revelado primeiramente no processo de matematização da natureza realizado por Galileu. Na sequência tematizaremos em que consiste essa orientação objetivista constitutiva da realização do trabalho científico moderno e que se desdobra na contemporaneidade. Tal tematização nos permitirá lançarmos luz sobre a descrição do mundo da vida feita por Husserl enquanto *solo* originário de evidências que fundamentam as ciências objetivas e como *horizonte* subjetivo-relativo de todo experienciar.

CRISE DAS CIÊNCIAS COMO CRISE DA RAZÃO

Já no início da sua obra tardia *A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental* (1936) Husserl aponta para o profundo estado de crise em que se encontram as ciências, a filosofia e a cultura da humanidade europeia de sua época tal como aponta o título da primeira parte desta

tuído de modo idealizado por cada ciência particular, o mundo matematizado da matemática, o mundo psicologizado da psicologia etc.

obra “A crise das ciências como expressão da crise radical da vida da humanidade europeia”. Mas em que consiste tal crise? Pode-se falar efetivamente em crise em meio a tantos êxitos teóricos e tecnológicos conquistados pelas ciências europeias da época? As palavras de Husserl expressam claramente em que consiste esta situação de crise.

A crise de uma ciência não diz nada menos que o seguinte: a sua cientificidade genuína, todo o modo como ela definiu a sua tarefa, e, para isso, formou a sua metodologia, se tornou questionável. Isto pode convir à filosofia, que se vê ameaçada em nosso presente de sucumbir ao ceticismo, ao irracionalismo e ao misticismo (HUSSERL, 2012, p. 1; HUSSERL, 1954, p. 1).

Husserl considera que o verdadeiro solo da humanidade europeia está presente no ideal filosófico de compreensão da humanidade europeia como expressão de *autoefetivação da razão*. No interior desta concepção, tem-se que filosofia e ciência possuem uma relação muito íntima concebida a partir da ideia de filosofia transmitida pelos gregos: a ideia de filosofia entendida como ciência universal, como *filosofia primeira*, a ciência da totalidade do ente. Neste sentido, as ciências no plural são apenas ramos não autônomos da filosofia una. O conceito positivista de ciência do nosso tempo é, então, considerado historicamente, apenas um *conceito residual* de ciência⁶. Estabelece-se, assim, o projeto fenomenológico husserliano enquanto projeto que compreende a filosofia (a fenomenologia transcendental) como uma investigação que proporciona a explicitação do *sentido último* de todo empreendimento filosófico e cien-

⁶ Cf. FERRER, 2012, p. 5.

tífico ao explicitar o fundamento universal de todo conhecimento.

Pode-se dizer, assim, que a crise que Husserl diagnostica nas ciências europeias de sua época refere-se a uma crise dos fundamentos das ciências porquanto as análises de Husserl mostram que há uma falta de compreensão sobre os seus *fundamentos* e sobre o seu *sentido*. Tal situação se dá porque as ciências positivas abandonaram o ideal de *explicitação da razão* ocasionando uma profunda crise existencial da humanidade europeia, de modo que a crise das ciências europeias deve ser entendida como “perda da sua significação para a vida” e como um profundo estado de *crise da razão*. Dado que Husserl compreende que a razão deve poder conferir sentido às coisas, aos valores e aos fins humanos ao atribuir-lhes uma referência normativa à verdade, a crise das ciências é antes de tudo uma crise da razão⁷: “que tem a dizer a ciência sobre a razão e a não-razão, que tem ela a dizer sobre nós, homens, enquanto sujeitos desta liberdade? A mera ciência dos corpos obviamente nada, pois abstrai de tudo o que é subjetivo” (HUSSERL, 2012, p. 3, HUSSERL, 1954, p. 4).

O que ocorre, segundo Husserl, é que o proceder científico realizado pelas ciências positivas nada tem a nos dizer sobre “as questões acerca do sentido ou ausência de sentido de toda existência humana”. Deste modo, o principal motivo que originou a crise nas ciências contemporâneas refere-se, para Husserl, ao modo de operar que separa os resultados científicos da experiência prático-cotidiana do *mundo da*

⁷ Cf. MOURA, 2001, p. 192.

vida (*Lebenswelt*), de maneira que tais resultados deixam de contribuir para a autocompreensão do sentido da existência humana e para o ideal de explicitação da razão.

Já no parágrafo 7 de *Krisis* Husserl nos diz que empregará como metodologia que pretende desvelar o solo de origem do encobrimento do *mundo da vida* pelo empreendimento científico e filosófico um *estudo retrospectivo, histórico e crítico*. Tal metodologia tem como objetivo, segundo Husserl, “perfurar a crosta dos ‘fatos históricos’ superficiais da história da filosofia, questionando, mostrando, testando o seu sentido interior, a sua teleologia oculta.” (HUSSERL, 2012, p. 13; 1954, p. 16) Tal metodologia tem, portanto, o objetivo de surpreender e descrever a gênese teleológica que deu origem historicamente a perspectiva que Husserl denomina *objetivista*: a perspectiva que descola a prática cotidiana e científica do *mundo da vida*⁸.

O tema da investigação do caráter *histórico e crítico* da crise das ciências europeias aparece no contexto de *Krisis* como uma *investigação de sentido*⁹ (*Besinnung*) de formações histórica de validades e valores transmitidos de geração em geração que contribuem para a sua sedimentação como componente da cultura. O método que Husserl propõe para realizar este trabalho de análise *retrospectiva, histórica e crítica* é o *método generativo* (*generativ*) de análise de fenômenos históricos. Tal método visa tematizar a sedimentação de

⁸ Cf. SACRINI, 2004, P. 367.

⁹ “Husserl propõe a *Besinnung* como um método específico para explorar os sentidos de formações ideias enquanto historicamente lastreados, isto é, cujo conteúdo objetivo se constitui por meio de uma cadeia multigeracional de transmissão e reativação. Para resguardar a particularidade desse método, proponho traduzir ‘*Besinnung*’ por ‘investigação de sentido’” (SACRINI, 2018, p. 282).

sentido de formações conceituais que originalmente circunscrevem a ideia legada geracionalmente relativa a algum fenômeno histórico determinado. O fenômeno histórico que Husserl procura tematiza em *Krisis* é a ciência europeia, a sua sedimentação de sentido e seu legado geracional. Como nos diz Sacrini o objetivo propriamente *crítico* deste tipo de análise generativa refere-se à tematização de “distorções interpretativas acumuladas com o correr das gerações. No limite, almeja-se ‘formar o sentido novamente’ (LFT, 14), quer dizer reativá-lo de forma crítica, tornando patente o seu conteúdo fundador” (SACRINI, 2018. p. 283). No contexto de *Krisis*, onde Husserl busca realizar uma análise generativa sobre o fenômeno das ciências europeias, o objetivo será o de “explicitar a *história intencional* da ideia de ciência e não a sua *história factual*” (SACRINI, 2018. p. 284). Para alcançar tal objetivo Husserl se volta à análise de motivações entre gerações que tem como sua orientação originária a ideia de ciência europeia.¹⁰

Como veremos o que será revelado em tal análise generativa é modo próprio de ser do *objetivismo fisicalista*, que se constitui como o trabalho de realização das ciências da natureza modernas que se desdobra no modo de proceder do próprio trabalho científico moderno e contemporâneo. Trata-se de um tipo de proceder que visa suspender a experiência intuitiva do mundo conforme as diferentes perspectivas de cada sujeito e neste processo busca encontrar somente o substrato objetivo, independente das relatividades subjetivas. Husserl reconhece os inúmeros avanços cog-

¹⁰ Para uma análise mais detalhada sobre o problema da história em *Krisis* e sobre o método generativo cf. CARR, 1974; DODD, 2004; MORAN, 2012 e SACRINI, 2018.

nitivos e tecnológicos advindos das realizações científicas objetivistas, no entanto, o caráter problemático destas realizações se dá mediante a compreensão de que o mundo é composto de caracteres puramente objetivos e só compreensíveis pela matemática. Dá-se, deste modo, a “substituição da natureza pré-científica dada na intuição pela natureza idealizada” (HUSSERL, 2012, p. 39; HUSSERL, 1954, p. 50).

A MATEMATIZAÇÃO DA NATUREZA

Husserl dedica a segunda parte da sua obra *Krisis* justamente à tarefa de explicitar a origem do objetivismo. Tal origem é revelada pelo processo de matematização da natureza operada a partir da física que trouxe como consequência a identificação da realidade com um mundo puramente ideal e objetivo. Husserl realiza, então, uma análise detida da gênese desta matematização da natureza tematizando o seu início na Antiguidade grega com a matemática antiga e especialmente com a contribuição platônica que propôs a idealização de números, figuras e corpos empíricos em entidades ideais, com a geometria euclidiana apresentada como uma teoria dedutiva sistematicamente unificada e ainda com a arte da agrimensura, a arte da medida desenvolvida como técnica científica aplicável a vários domínios do conhecimento. Dá-se, a partir daí, uma contínua transformação, um progressivo processo de idealização, que culmina na modernidade com a substituição da realidade da experiência sensível pela realidade construída matemática e geometricamente como pura idealidade. Realidade entendida, então, como um *ser em si* determinável objetivamente, obti-

da a partir de uma operação do pensamento que Husserl denominou “substrução” (*Substruktion*). Tem-se, assim, que o que era o modo próprio do empreendimento científico, o método próprio, a sua técnica de produção e determinação teórica, transformou-se em realidade em si.

A realização plena do ideal de matematização da natureza se dá, segundo Husserl, com a obra de Galileu. Ocorre que no pensamento de Galileu a natureza ela mesma é idealizada, sob a orientação da nova matemática ela torna-se uma *multiplicidade matemática*. Contou para a realização do processo de matematização da natureza efetuado por Galileu a concepção vigente em sua época da geometria pura como o domínio das puras figuras limites (como campo dos puros corpos, das retas puras, dos planos puros, das figuras puras, das grandezas puras etc.), um mundo infinito e, no entanto, fechado em si, de objetividades ideias.

Outro aspecto determinante para a realização da matematização da natureza no pensamento de Galileu foi a conversão da arte da medida (inaugurada pelos gregos como arte da agrimensura ainda rudimentar e já desenvolvida no início da modernidade) em um procedimento do pensar puramente geométrico e teórico. O procedimento total da arte da mediação moderna é descrito por Husserl na passagem que segue:

trata-se, por um lado, de criar conceitos rigidamente determinados para figuras corpóreas de rios, montes, edifícios etc., que em regra dispensam tais conceitos e nomes; em seguida, para as suas ‘formas’ (dentro da semelhança imagética), depois, para as suas grandezas e relações de grandezas e, igualmente, para as determinações de posições, por meio da medição das distâncias e ângulos relativos a lugares e direções conhecidos, pressupostos como imóveis (HUSSERL, 2012, p. 20; HUSSERL, 1954, p. 25).

O elemento determinante na arte da medida para o processo de matematização da natureza refere-se ao ideal de *exatidão* inerente à arte da medição e que é vedado na prática empírica, isto porque, para as figuras ideais encontradas com a medição se abre a possibilidade de determiná-las em sua identidade absoluta, de conhecê-las, de modo absolutamente idêntico e metodicamente unívoco, como substrato de características determináveis de modo absolutamente idêntico e metodicamente unívoco. “Pois, abre-se por fim, a possibilidade de gerar construtivamente, de modo unívoco, por um método sistemático apriorístico de máxima extensão, todas as figuras ideais em geral imagináveis” (HUSSERL, 2012, p. 20; HUSSERL, 1954, p. 24). Com isso, abre-se também a possibilidade de aplicação da prática matemática a todo um procedimento do pensar puramente geométrico e teórico, de modo que a partir de então, abre-se ainda, a possibilidade de compreender a natureza em seus caracteres matemáticos puros ideais e exatos (já que a natureza se torna interpretada como subsumida a figuras-limites puramente ideais). É exatamente isso que faz Galileu ao matematizar a natureza¹¹.

Se quanto à matematização dos corpos no processo de idealização proposto por Galileu, que implicava na abstração dos corpos na espaço-temporalidade substituídos por

¹¹ “Galileu disse para si mesmo: onde uma tal metodologia se desenvolveu, ultrapassamos também a relatividade das concepções subjetivas, essencial ao mundo empírico-intuível. Pois desta maneira adquirimos uma verdade idêntica não relativa, da qual qualquer um que seja capaz de compreender e empregar esse método pode se convencer. Reconhecemos aqui, então, um ente propriamente verdadeiro - embora somente sob a forma de uma aproximação sempre crescente desde o dado empírico em direção à figura geométrica ideal que funciona como polo orientador” (HUSSERL, 2012, p. 22; HUSSERL, 1954, p. 27).

meras figuras ideias, obteve grande sucesso e não apresentava empecilhos para a sua realização, por sua vez, o processo de ampliação da matematização para toda realidade impõe uma aparente dificuldade de se matematizar o *plenum* sensível¹², as qualidades especificamente sensíveis dos corpos como cor, som, odor etc. Assim, se, por um lado, no caso do mundo dos corpos é realizada uma matematização *direta*, por outro lado, em relação aos plenas sensíveis é realizada no pensamento de Galileu uma *comatematização indireta*.

O problema que se coloca relativo à matematização *direta* das qualidades sensíveis (os *plenas*) diz respeito ao fato de que apesar destas qualidades se apresentam em gradações e, de certo modo, assim como a todas as gradações, pertencelhes igualmente a medição (“a ‘avaliação’ da ‘grandeza’ do calor e do frio, da aspereza e da lisura, da clareza e obscuridade etc.” (HUSSERL, 2012, p. 26; HUSSERL, 1954, p. 32)), aqui não há uma medição exata, um incremento da exatidão e dos métodos de medida aplicáveis ao mundo corpóreo¹³.

A matematização indireta dos *plenas* se dá, então, porque as qualidades especificamente sensíveis experienciáveis nos corpos intuíveis juntamente com as figuras que essencialmente lhes pertencem, “*estão regularmente irmanadas de uma maneira muito particular*” (HUSSERL, 2012, p. 27; HUSSERL, 1954, p. 33). Esta maneira particular de ligação é aquela de uma *causalidade concreta universal*.

¹² Utilizamos aqui a tradução de Diogo Ferrer do termo alemão Fülle pelo termo latino plenum.

¹³ Husserl explicita em que consiste a “exatidão” na passagem que segue: “Medição empírica num incremento de precisão, mas sob a orientação de um mundo de idealidade já de início objetivado por idealização e construção, e de certas configurações ideais particulares, ordenáveis às escalas de medida respectivas.” (HUSSERL, 2012, p. 26; HUSSERL, 1954, p. 32-33)

A tese de Galileu é de que a totalidade do mundo dos corpos enquanto é composto pelas figuras, exige, em geral, um aspecto de *plena* que atravessa todas as figuras, neste sentido, qualquer alteração, diga ela respeito ao momento da figura ou do *plenum* decorre segundo alguma causalidade (mediata ou imediatamente) exigindo-a. Para Husserl tal compreensão faz com que Galileu expresse em seu pensamento a estranha concepção de que tudo o que nas qualidades sensíveis se anuncia como *real* tem de ter o seu *índice matemático* em ocorrências da esfera das figuras, sempre pensada já como idealizada, ou seja, a realidade sensível apresenta-se meramente como *índice, signo* de idealidades matematizadas. Tal concepção torna possível a compreensão da matematização indireta das qualidades sensíveis tal como expressa a passagem que segue:

a partir daí tem de se obter a possibilidade de uma matematização *indireta* também no seu sentido integral, a saber, que tem assim de ser possível (embora indiretamente, e por um método indutivo particular) construir *ex datis* e, assim, determinar, objetivamente, *todas* as ocorrências do lado dos *plena*. A totalidade da natureza infinita, como *universo concreto da causalidade* - isto residia nesta estranha concepção -, tornou-se uma *matemática aplicada sui generis* (HUSSERL, 2012, p. 29; HUSSERL, 1954, p. 35-36).

Isso implica em dizer agora que no pensamento de Galileu deu-se uma absoluta idealização da natureza, inclusive da natureza sensível. Para Galileu essa objetivação metódica do mundo intuível fornece *fórmulas numéricas gerais*, ou seja, Galileu vê na natureza conexões efetivamente causais que se deixavam exprimir matematicamente em *fórmulas*. Se, por um lado, na atividade de medição dos dados sensíveis, só se pode adquirir grandezas e os seus valores numéricos, empi-

ricamente “inexatos”, por outro lado, a arte da medida busca sempre se aproximar a uma maior “exatidão” da medição na direção de um aperfeiçoamento crescente. Essa arte da medição tende sempre a alcançar um maior grau de exatidão mediante a descoberta e aperfeiçoamento de meios técnicos, por exemplo, de instrumentais de medição.

A matematização indireta da experiência sensível unida à arte da mediação e obtenção de fórmulas numéricas gerais promove uma “*objetivação metódica do mundo intuitivo*” em que fórmulas exprimem conexões causais gerais como “leis da natureza”. Tem-se, assim, que a partir das fórmulas é possível prever as regularidades empíricas que podem ser esperadas no mundo prático. A partir desta possibilidade de “previsão” torna-se possível predizer o curso futuro dos acontecimentos no mundo, de modo que os desdobramentos desta concepção ampliam-se para a vida como um todo: “a matematização, com as fórmulas por elas alcançadas, é, então, a realização decisiva para a vida” (HUSSERL, 2012, p. 34; HUSSERL, 1954, p. 43).

Com o processo de construção de fórmulas que traduzem a realidade em caracteres ideais, dá-se ainda um processo de “aritmética da geometria”, um modo de pensar mediante simbolização algébrica que aritmetiza todo domínio das puras figuras como retas, círculos, movimentos etc. A matemática pura torna-se, então, mera arte que por meio de uma técnica calculatória segundo regras técnicas visa obter resultados cujo sentido de verdade só é alcançável num pensar objetivamente intelectual-formal, como num jogo de cartas ou xadrez.

Só estão aqui em ação aqueles modos de pensar e aquelas evidências

que são indispensáveis a uma técnica enquanto tal. Opera-se com letras, sinais de ligação e relação (+, x, = etc.), e segundo as *regras do jogo* da sua ordenação conectiva, de um modo que, de fato, em nada difere no essencial do jogo de cartas ou de xadrez. O pensar *originário* que confere propriamente sentido a este procedimento técnico, e verdade aos resultados carretos (ainda que seja a ‘verdade formal’ própria da *mathesis universalis* formal), está posto aqui fora de circuito (HUSSERL, 2012, p. 36; HUSSERL, 1954, p. 46).

Esse modo de proceder da tecnicização é estendido para a ciência da natureza como um todo de modo que a tecnicização acaba por apodera-se de todos os métodos próprios às ciências da natureza. A ciência da natureza sofre, com isso, um radical encobrimento do seu próprio sentido. Deste modo, a atividade científica se vê totalmente descolada do âmbito da subjetividade e do subjetivo-relativo que lhe dá fundamento, a saber, o *mundo da vida*. O encobrimento do próprio sentido da ciência da natureza supracitado revela ainda o encobrimento do solo originário do *mundo da vida*.

Pode-se dizer agora que com o pensamento de Galileu dá-se uma substituição decisiva para ciência e filosofia, a saber, a substituição do único mundo efetivo, o mundo da experiência e experienciável, o *mundo da vida*, pelo mundo matematicamente substruído das idealidades matemáticas. Como vimos, na perspectiva de Galileu a experiência sensível deve ser tomada como mero índice de relações objetivas, as quais realmente constituiriam a natureza. A partir disso o caráter subjetivo, inerente ao mundo da vida, só interessa ao cientista da natureza na medida em que permite inferir relações objetivas no mundo matematicamente construído. O que este proceder científico objetivista expressa é que o caráter subjetivo-relativo da experiência não compõe realmente o mundo, pois, nesta perspectiva a validade do

mundo é garantida de modo independente de qualquer referência direta à subjetividade. Constitui-se assim, no interior da filosofia moderna, o *objetivismo*, a orientação científica que propõe que o mundo seja compreendido como um *mundo em si*, uma realidade em si que existe de modo separado e independente da relatividade sensível e assim independentemente de todo âmbito subjetivo. Segundo essa perspectiva científica-objetivista a experiência sensível apenas anuncia o real, mas não o revela diretamente.

O MUNDO DA VIDA (LEBENSWELT) COMO O SUBJETIVO-RELATIVO (SUBJEKTIV-RELATIV)

Com o objetivo de superar os prejuízos advindos do objetivismo Husserl pretende fundamentar as ciências no *mundo da vida (Lebenswelt)*, o mundo *subjetivo-relativo* da experiência sensível¹⁴. Essa fundamentação busca reconhecer que estamos sempre imersos no mundo subjetivo-relativo da experiência sensível, de modo que as idealidades científicas são construídas sempre sobre as evidências de tal experiência. Neste sentido que é preciso reconhecer que as ciências sempre se desenrolam sobre o mundo pré-dado das evidências prático-cotidianas. Faz-se necessário, então, tematizar o mundo da vida como aquilo que sempre permaneceu e permanece *anônimo* no trabalho científico, o que Husserl caracteriza como a “vida profunda” em contraposição à “vida superficial” das ciências objetivas. O que falta

¹⁴ “O mundo é pré-cientificamente dado, na experiência sensível cotidiana, de modo subjetivo-relativo. Cada um de nós tem as suas aparições, e estas valem para cada um como aquilo que efetivamente é” (HUSSERL, 2012, p. 17; HUSSERL, 1954, p. 20).

então ser realizado, para Husserl, é uma tematização científica do *mundo da vida*, deste *solo (Boden)* de fundamentação das ciências objetivas, que é encoberto no trabalho científico. Husserl apresenta a *epoché* da ciência objetiva como o acesso metodológico à esfera do mundo da vida. Tal *epoché* consiste na suspensão de validades natural-ingênuas presentes em todo trabalho realizador científico. Esta *epoché* volta-se assim a colocação entre parênteses de todos os interesses teóricos objetivos, a saber, são suspensas “todas as definições de fins (...), todas as ações que nos sejam próprias como cientistas objetivos ou também tão somente como desejosos de saber.” (HUSSERL, 2012, p. 111; HUSSERL, 1954, p. 139). No entanto, como nos alerta Husserl, as ciências e os cientistas não desapareceram simplesmente para nós que exercemos a *epoché* da ciência objetiva, eles permanecem aí, mas agora são vistos e tematizados de outro modo, a partir do seu enraizamento no mundo da vida. É justamente a estrutura do mundo da vida que é surpreendida e tematizada com a realização da *epoché* da ciência objetiva.

Para descrevermos fenomenologicamente a estrutura do mundo da vida é preciso, segundo Husserl, determinar a *cientificidade* própria do mundo da vida que é distinta da *cientificidade* das ciências objetivas. Neste sentido, o mundo da vida é caracterizado já de início como uma instância *pré-lógica* que é fonte de fundamentação para as verdades lógicas e as verdades teóricas: “nunca se questiona cientificamente a maneira como o mundo da vida funciona em permanência como plano de fundo, como as suas múltiplas validades pré-lógicas são fundamentadoras para as verdades

lógicas, as verdades teóricas” (HUSSERL, 2012, p. 101; HUSSERL, 1954, p. 127).

Mas, afinal, o que significa a compreensão do *mundo da vida* como instância *pré-lógica* fundamentadora das verdades lógicas? Husserl compreende o *mundo da vida* como o “campo de multiplicidades *pré-lógicas*” porquanto compreende o *mundo da vida* como o *solo* da experiência intuitiva imediata, anterior a qualquer idealização e formalização. O *mundo da vida*, por sua vez, é propriamente o *solo* (*Boden*) de confirmação e validade das formalizações e verdades lógicas objetivas. Assim, o *solo de sentido* do *mundo da vida* é o horizonte *do qual* o cientista sempre parte para realizar os seus empreendimentos científicos e *para o qual* ele irremediavelmente tem de recorrer para obter confirmação e validade aos seus resultados científicos. É por isso que Husserl reitera que a cientificidade relativa ao *mundo da vida* deve ser distinta da cientificidade lógico-objetiva das ciências objetivas na medida em que o próprio *mundo da vida* fundamenta esta cientificidade objetiva. “E talvez a cientificidade, que este mundo da vida, como tal e na sua universalidade, exige, seja uma cientificidade específica, justamente não lógico-objetiva, e que, como a cientificidade fundamentadora última, o seu valor não seja o de uma cientificidade menor, mas superior” (HUSSERL, 2012, p. 101; HUSSERL, 1954, p. 127).

Um elemento decisivo da compreensão do *mundo da vida* em *Krisis* refere-se à compreensão de que toda experiência intuitiva *pré-científica* que constitui o nosso enraizamento no *solo* do *mundo da vida* dá-se sempre ao modo de uma experiência “meramente relativa ao sujeito”,

ou seja, toda experiência intuitiva que temos faz necessariamente referência à subjetividade que experienciamos. O *mundo da vida* é, neste sentido, o *solo (Boden)* do qual partimos em toda atividade científica e extra científica, em toda a nossa realização prática e é também o *solo originário* que funciona como *fonte de evidência*, fonte de confirmação das construções científicas e extra científicas.

O que é efetivamente primeiro é a intuição ‘meramente relativa ao sujeito’ da vida no mundo pré-científico. É certo que o ‘meramente’ tem para nós, como uma antiga herança, o tom desprezado da $\delta\acute{o}\xi\alpha$. Na própria vida pré-científica, ela nada tem certamente de desprezível; ela é aí um domínio de boa confirmação, a partir dela dispõem-se de conhecimentos predicativos bem confirmados, assim como de verdades certas, conforme exigido pelos próprios propósitos práticos da vida que determinam o seu sentido (HUSSERL, 2012, p. 101-102; HUSSERL, 1954, p. 127-128).

Como já anunciamos na introdução, esta compreensão do *mundo da vida* como esfera “meramente relativa ao sujeito” reafirma a tese apresentada no conjunto da obra de Husserl, de que mundo e aqui mesmo o *mundo da vida* (enquanto é uma estrutura *subjetiva-relativa*) só é aquilo que é em sua relação com a (em sua referência a) subjetividade. O que Husserl expressa com esta compreensão é que o *mundo da vida* não pode ser compreendido como um *mundo em si*, separado e com uma existência independente da subjetividade, da consciência. O alargamento da esfera da subjetividade realizado mediante o processo de *epoché* fenomenológica nos mostra justamente o caráter coimplicado entre subjetividade e *mundo da vida*.

No operar científico é justamente este “meramente relativo ao sujeito” que se almeja superar ao buscar alcançar

justamente “verdades em si” existentes em um “mundo em si” apartados da subjetividade. “[No operar científico] Este ‘relativo ao sujeito’ deve ser ‘ultrapassado’; pode e deve-se ordená-lo a um ser-em-si, a um substrato para ‘verdades em si’ lógico-matemáticas, das quais é possível aproximar-se em sempre novas e melhores abordagens hipotéticas, justificando-se sempre por meio da confirmação a experiência.” (HUSSERL, 2012, p. 102; HUSSERL, 1954, p. 129) O contraste entre o subjetivo do mundo da vida e o “objetivo” do mundo de “verdades em si” científico consiste em que o último é considerado como o “não experienciável” no seu ser-em-si próprio (enquanto este é considerado como apartado da esfera subjetiva), de modo que o *mundo da vida* é caracterizado justamente pela sua “efetiva experienciabilidade”. Porquanto o mundo da vida é um domínio de evidências originárias é que ele constitui-se como *solo de fundamentação* (de validade e confirmação) das pretensas “verdades em si” do mundo objetivo científico.

Deste modo, pode-se compreender agora de que modo o *mundo da vida* é compreendido por Husserl como o *horizonte de sentido subjetivo-relativo (subjektiv-relativ)* pré-científico. Trata-se aqui do *mundo da vida* como o mundo da *doxa*, relativo às metas e aos fins humanos, é o domínio de evidências originárias não substruídas por construções idealizadoras. O *horizonte do mundo da vida* é constituído também de relações intersubjetivas, de um mundo ordenado por valores sociais e culturais, e ainda de um mundo histórico-social que se dá em referência a tais evidências originárias.

A partir das descrições feitas vê-se agora que dois elementos centrais explicitam o *mundo da vida* em sua estrutu-

ra mais originária subjetiva-relativa: 1) o seu caráter *a priori*; 2) a *consciência de horizonte* em que se dá o *mundo da vida*. Quanto ao seu caráter *a priori*, o mundo da vida é compreendido como o que é para nós “permanentemente” um solo de sentido de interesses, valores e validades. É neste sentido que o conhecimento objetivo, o empreendimento do mundo objetivo científico, funda-se na evidência do *mundo da vida*, ou seja, tem-se que todo *a priori* objetivo necessariamente está remetido a um correspondente *a priori* do mundo da vida¹⁵ e este estar remetido é o de uma *fundamentação de validade de sentido e ser*. “Aquilo que a configuração de sentido e validade de ser de nível superior do *a priori* matemático e de todo *a priori* objetivo produz é certa operação idealizadora com base no *a priori* do mundo da vida” (HUSSERL, 2012, p. 114; HUSSERL, 1954, p. 143).

Em seu caráter de *horizonte*, tem-se que o *mundo da vida* é um campo universal para onde estão dirigidos todos os nossos atos de experiência, de conhecimento e de ação numa particularidade *fluente* - um fluxo constante de todas as nossas metas e fins passageiros ou duradouros. Vê-se, assim, que as caracterizações do *mundo da vida* como *a priori* e como *horizonte* de sentido e de validades torna possível Husserl compreender o mundo da vida como “sendo para nós permanente numa particularidade fluente, o mundo que vem constantemente a ser para nós de modo ‘pré-dado’.” (HUSSERL, 2012, p. 118; HUSSERL, 1954, p. 148)

Como expressa Moran o caráter de horizonte geralmen-

¹⁵ *A priori do mundo da vida* caracterizado por Husserl como um *a priori universal pré-lógico* que, no entanto, fundamenta o *a priori lógico-objetivo*.

te expressa a ideia de certo contexto indeterminado e tem conotações espaciais e temporais,

mas seu verdadeiro sentido para Husserl é como um “contexto de significação” que fornece algum tipo de limite. O sentido fundamental da noção de ‘horizonte’ é o contexto copercebido dentro do qual um objeto percebido é percebido: literalmente, o limite da cena visual. Husserl também fala de humanos vivendo nos horizontes de sua historicidade (Crise § 2), horizonte aqui fornecendo um contexto interpretativo (MORAN, 2012, p. 193, *tradução nossa*).

Tem-se, deste modo, que o mundo da vida dá-se sempre para o eu (e também para um *nós*) como *horizonte de mundo* (*Welthorizont*) espaço-temporal de toda vida de consciência, não somente da perceptiva, mas de toda atividade e passividade intencional de consciência (em toda vida linguística, afetiva e empática). O caráter de horizonte de mundo nos mostra que o mundo da vida possui certa abertura, indefinibilidade e um caráter em constante e reiterada mudança. Esta característica do mundo da vida aponta para o fato de os horizontes de sentido de cada sujeito e de cada *nós* comunitário se sobrepõem e se interpenetram, mas apontam para uma única e mesma *estrutura geral*, um horizonte último de horizontes, ou seja, o mundo da vida.

Surpreendemos agora outro elemento fundamental do mundo da vida: a sua estrutura *subjetiva-intersubjetiva*. Para Husserl a constituição de sentido do mundo da vida e consequentemente a sedimentação de horizontes de sentido não é feita por sujeitos isoladamente, mas é trabalho de uma constituição conjunta de sentido realizada por co-sujeitos (*Mitsubjekte*).

Para caracterizar a vida intencional que sustenta o mundo da vida, ‘não podemos nos permitir negligenciar uma grande obviedade que

pertence estruturalmente a toda vida' (KII, 197), a saber, que as validades ou os sentidos de ser por meio dos quais a experiência do mundo se organiza não são frutos de um sujeito isolado, mas sempre de *operações intersubjetivas*. Husserl chega mesmo a atribuir o caráter de necessidade eidética a essa constituição intersubjetiva do sentido: 'o mundo (...) que a cada vez eu compreendo com respeito à minha consciência do mundo logo perde seu sentido de ser (...) se eu abstraio os meus semelhantes' (KII, 198). O mundo da vida não é, destarte, jamais mundo para um sujeito isolado; a vida que sustenta a experiência concretada do mundo é sempre *vida intersubjetiva*, constituição conjunta de sentido (SACRINI, 2018, p. 348).

Husserl enfatiza em várias passagens de *Krisis* que o mundo da vida compreendido como o horizonte último de experiência deve ser entendido como um mundo propriamente *comunal*, um mundo 'para os outros', um mundo potencialmente disponível "para todos" (*für jedermann*) ou para qualquer um. Assim, não só os objetos reais, mas também os objetos possíveis são dados como estando disponível 'para todos'. Tal compreensão sobre o mundo da vida "envolve essencialmente a ideia de infinitas e diferentes maneiras possíveis de experimentá-lo e, igualmente, uma pluralidade aberta e infinita de possíveis 'co-sujeitos' (*Mitsubjekte*, C 164; K 167 e C 184; K 188) para experimentá-lo" (MORAN, 2012, p. 198) (tradução nossa). Deste modo, compreender o mundo da vida como algo dado 'para todos' significa compreender o mundo da vida não somente como algo dado a todos os sujeitos efetivos, reais, presentes, mas algo disponível a todos os sujeitos possíveis.

Esta característica intersubjetiva do mundo da vida aponta também para o fato de que mundo da vida comunitário é também um mundo de comunicação entre sujeitos comunicantes. A comunicação é um elemento fundamental

do caráter comunitário e intersubjetivo do mundo da vida, pois atentando para o fenômeno da comunicação observamos que a objetividade do mundo nunca é de um mundo em si relativo individualmente a cada sujeito, mas um mundo compartilhado por todos os membros de uma comunidade, de uma cultura, já que o mundo da vida nada mais é que o mundo de nossos interesses, de nossas atividades intencionais, esforços, fins, habilidades, habitualidades e valores (éticos, estéticos, etc.) constituídos, como já foi dito, intersubjetivamente.

Se o mundo é sempre experimentado como aquele mundo existente para nós, segundo Husserl, isso não exclui que possa haver discrepâncias entre a experiência de um indivíduo e a de outro, ou entre um grupo e outro. Isto se dá porque o mundo da vida é o correlato de pessoas que vivem em comunidades delimitadas histórica e culturalmente, o que pode levar a diferenças sobre interesses, fins e valores construídos intersubjetivamente em cada comunidade. O que permanece, porém, em cada uma dessas comunidades é a sua estrutura comum do mundo da vida que está em “‘em permanente mobilidade’ (K, 465), de maneira que ela permite ‘transformações e correções’ (*ibid.*) acerca da validade de ser que é atribuída aos conteúdos que nela paulatinamente se perfilam” (SACRINI, 2018, p. 352). Deste modo, vê-se que o conjunto de valores e crenças de comunidades são passíveis de constantes transformações, o que não muda, como vimos, é a estrutura geral de horizonte de mundo e sentido do qual todas as comunidades culturais partem e preenchem tal horizonte com os seus conteúdos próprios construídos intersubjetivamente.

No interior de tais comunidades é dado ainda certo

acordo intersubjetivo relativo ao que Husserl nomeia de *normalidade* (*Normalität*), que consiste no compartilhamento de um “núcleo comum” envolvido em nossa experiência do mundo. As tradições se referem a este caráter de normalidade, pois estabelecem e mantêm ao longo do tempo o que foi dado como válido em relação ao sistema de conhecimento, valores e crenças de uma comunidade.

Explicitado o caráter subjetivo e intersubjetivo do mundo da vida, observa-se agora *mundo da vida* consiste, assim, no “solo universal da vida humana no mundo” (HUSSERL, 2012, p. 126-127; HUSSERL, 1954, p. 158), o solo permanente de sentido, de valores e de validades. Tal como foi visto, a ciência enquanto produção humana pressupõe sempre em sua atividade esse solo, embora confira a ele em sua orientação temática o *status* de relatividade subjetiva, a qual, para o operar científico, deve ser ultrapassada. Por contraste com essa atitude Husserl sugere uma investigação sobre *mundo da vida* a partir de uma orientação que o explicita em suas estruturas últimas.

Como foi visto, uma reflexão mais aprofundada sobre o horizonte de pré-dação do *mundo da vida* exige uma mudança de atitude em relação à tematização do *mundo da vida*. Uma passagem faz-se necessária da atitude natural ingênua na qual vivemos imersos no mundo para uma atitude reflexiva sobre o *modo como* (*Weise Wie*) subjetivo de doação do *mundo da vida*, ou seja, faz-se necessária a realização de uma *epoché* fenomenológica que permita a instauração da posição do “observador desinteressado”, daquele que apenas descreve as estruturas que constituem o sentido no solo do *mundo da vida*. Tem-se, assim, que com esse exercício da *epo-*

ché fenomenológica o *mundo da vida* é tematizado como “fenômeno meramente transcendental”, de modo que o que emerge como resíduo desse processo de redução fenomenológica são os diferentes modos subjetivos de doação do *mundo da vida*. Descobre-se, ainda, como resíduo derradeiro do processo de redução transcendental o *ego transcendental* como fonte última de sentido e ser do *mundo da vida*. Cabe, assim, ao fenomenólogo, como sua tarefa fundamental, explicitar a estrutura dos atos e sínteses mediante os quais o *ego transcendental* constitui o *mundo da vida*. Mas, cabe também ao fenomenólogo a tarefa de uma fundamentação fenomenológica das ciências a partir explicitação do *mundo da vida* como solo originário do sentido do qual partem as ciências. A realização de tal empreitada consiste na fenomenologia entendida como a “ciência dos fundamentos últimos”, ou seja, como a ciência que apresenta um fundamento último para todo o conhecimento.

Como ciência sobre o solo do mundo, esta, em contraste com todas as ciências objetivas até aqui delineadas, seria uma ciência do *como* universal da doação prévia do mundo, ou seja, daquilo que constitui o seu ser-solo universal da doação para toda e qualquer objetividade. E isto significa a criação, nisto coimplificada, de uma ciência dos fundamentos últimos, a partir dos quais toda fundamentação objetiva haure a sua verdadeira força, a força da sua doação última de sentido (HUSSERL, 2012, p. 119; HUSSERL, 1954, p. 149).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de uma análise e discussão sobre o significado da crise das ciências europeias e sobre o processo de matematização da natureza que engendrou a orientação objetivista na atividade científica moderna tornou-se possível

realizar a explicitação do conceito de *mundo da vida* em seu caráter subjetivo-relativo como solo originário de evidências, como campo da experiência intuitiva imediata que fundamenta as realizações científicas objetivas, o *mundo da vida* também enquanto o *a priori* de toda experiência e como *horizonte* fluente pré-dado nos possibilita agora refletirmos como tais concepções nos permitem compreender como o conceito de *mundo da vida* apresentado em *Krisis* é fiel e compatível com o projeto husserliano de caracterização da sua fenomenologia como um idealismo transcendental fenomenológico. Se considerarmos que a tese fundamental do idealismo transcendental fenomenológico husserliano é aquela que expressa o *a priori* da correlação intencional que nos diz que mundo (ou objetos) é algo sempre constituído *pela e na* consciência, ou seja, pela esfera da subjetividade transcendental, então, não é adequado considerarmos que haveria um “mundo em si” (ou “objeto em si”) tal como pensa a orientação objetivista científica. Para Husserl, como mostramos, só faz sentido falar em um “mundo em si”, em “verdades em si” como um *construto* objetivo, uma substrução realizada a partir do solo originário de evidências subjetivas-relativas do *mundo da vida*. Assim, se a tese geral do idealismo transcendental fenomenológico é aquela que apresentamos na introdução ao citar uma passagem das *Meditações cartesianas* que nos diz que mundo (ou objetos) é algo sempre constituído *pela e na* consciência, significa dizer que todo *sentido e ser* dos objetos é doado pela subjetividade. No caso de *Krisis* pode-se dizer que esta tese permanece plenamente válida na medida em que ao afirmar que a estrutura do *mundo da vida* é essencialmente

subjetiva-relativa ou “meramente relativa ao sujeito” tem-se que o próprio *mundo da vida* só é aquilo que é em sua relação à (referência à) subjetividade, ou seja, o *mundo da vida* só é aquilo que é enquanto solo originário de evidências, como também de fins, valores e metas compartilhados intersubjetivamente na medida em que é constituído originariamente em seu sentido e ser pela subjetividade transcendental. Como se sabe o modo próprio de constituição de sentido e ser realizado pela consciência subjetiva em relação aos objetos (ao mundo) se dá sempre mediante sínteses intencionais sejam elas ativas ou passivas. É assim que uma passagem do parágrafo 46 de *Krisis* explicita claramente o que foi exposto ao longo deste artigo.

Questionar o mundo, de modo consequente e exclusivo, com vistas ao modo *como* das suas maneiras de dação, das suas ‘intencionalidades’, abertas ou implícitas, das quais temos, entretanto, sempre de dizer, na sua identificação, que sem elas não existiriam para nós nem objetos nem mundo; que estes, pelo contrário, só são para nós com o sentido e modo de ser em que permanentemente se originam, e se originaram a partir destas *realizações* subjetivas (HUSSERL, 2012, p. 131; HUSSERL, 1954, p. 163).

Abstract: The main objective of this article is to explain the subjective-relative aspect as being the essential constituent of the structure of the lifeworld (*Lebenswelt*) in the Husserl’s work *Crisis of the European Sciences and Transcendental Phenomenology*. To this end, it will be analyzed, in a first moment, what consist the crisis of European sciences diagnosed by Husserl and how the process of mathematization of nature took place, which configures the objectivist scientific orientation. Finally, it will be possible to analyze the subjective-relative structure of the lifeworld understood as the soil of immediate intuition experience.

Keyword: lifeworld, subjective-relative, objectivism

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARR, D. *Phenomenology and the Problem of History: A Study of Husserl's Transcendental Philosophy*. Evanston: Northwestern University Press, 1974.

DODD, J. *Crisis and Reflection*. Dordrecht: Kluwer, 2004.

FERRER, D. “Apresentação da tradução portuguesa”. In: HUSSERL, E. *A Crise das Ciências Europeias e a Fenomenologia Transcendental*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

HUSSERL, E. *A Crise das Ciências Europeias e a Fenomenologia Transcendental*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

_____. *Cartesianische Meditationen* (Husserliana I). Haag: M. Nijhoff, 1950.

_____. *Die Krisis der europäischen Wissenschaften und die transzendente Phänomenologie*. Den Haag: M.Nijhoff. 1954.

_____. *Meditações Cartesianas e conferências de Paris*. Trad. Pedro M. S. Alves. Rio de Janeiro: Forense, 2013.

LUFT, S. *Subjectivity and Lifeworld in Transcendental Phenomenology*. Northwestern University Press, 2011.

MORAN, D. *Husserl's Crisis of the European Sciences and Transcendental Phenomenology: An Introduction*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

MOURA, C. A. R. de. “A Invenção da Crise”. In: *Racionalidade e Crise. Estudos de*

história da filosofia moderna e contemporânea. SP: Discurso/ UFPR, 2001.

SACRINI, M. *A cientificidade na Fenomenologia de Husserl*. São Paulo: Edições Loyola, 2018.

_____. “Lições do mundo-da-vida: o último Husserl e a crítica ao objetivismo”. In: *Scientiae Studia*, Vol. 2, N. 3, São Paulo, 2004.